

*BE2010 – Encontro Nacional Betão Estrutural  
Lisboa – 10, 11 e 12 de Novembro de 2010*

## **Comportamento Cíclico de Pilares de Betão Armado Sujeitos à Flexão Bi-Axial: Estudo Experimental**



**Hugo Rodrigues<sup>1</sup>**



**António Arêde<sup>2</sup>**



**Humberto Varum<sup>3</sup>**



**Aníbal Costa<sup>4</sup>**

### **RESUMO**

Sismos recentes têm mostrado que a investigação em engenharia sísmica deve dar especial atenção à avaliação da vulnerabilidade das construções existentes, frequentemente desprovidas de adequada resistência sísmica, tal como acontece em edifícios de betão armado (BA) de muitas cidades em países do sul da Europa, entre os quais Portugal.

O comportamento de elementos de betão armado carregados axialmente e sujeitos a esforços de flexão biaxial é reconhecido como um assunto fundamental e não suficientemente estudado, revelando-se muito importante em virtude da real resposta tridimensional dos edifícios de betão armado e do facto de se reconhecer que as solicitações bidireccionais dos elementos de betão armado tendem a aumentar a degradação de rigidez e a reduzir a sua capacidade resistente para carregamentos cíclicos.

No presente estudo apresentam-se os resultados de uma campanha de ensaios realizada sobre pilares rectangulares sujeitos à flexão cíclica uniaxial e biaxial. É realizada uma análise dos resultados em termos de comportamento global dos pilares, da evolução do dano, das componentes de deformação, da dissipação de energia.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Pilares, flexão cíclica biaxial; estudos experimentais

<sup>1</sup> Universidade de Aveiro, Departamento de Engenharia Civil, 3810-193 Aveiro, Portugal. [hrodrigues@ua.pt](mailto:hrodrigues@ua.pt)

<sup>2</sup> Universidade do Porto, Faculdade de Engenharia, Dep. de Engenharia Civil, 4200-465 Porto, Portugal. [aarede@fe.up.pt](mailto:aarede@fe.up.pt)

<sup>3</sup> Universidade de Aveiro, Departamento de Engenharia Civil, 3810-193 Aveiro, Portugal. [hvarum@ua.pt](mailto:hvarum@ua.pt)

<sup>4</sup> Universidade de Aveiro, Departamento de Engenharia Civil, 3810-193 Aveiro, Portugal. [agc@ua.pt](mailto:agc@ua.pt)



Na fase de planeamento do estudo experimental foi definido um betão da classe C35/45 para os pilares N01 a N04 e da classe C30/35 para os pilares N05 a N18. Para todos os pilares considerou-se um aço da classe A400NR-SD. Foram realizados ensaios para a caracterização das propriedades mecânicas dos materiais utilizados na construção dos pilares (aço e betão). Os resultados médios obtidos para a resistência à compressão do betão para cada série de pilares construídos são apresentados no Quadro 1, e no Quadro 2 apresentam-se os resultados dos ensaios de tracção de amostras de aço.

Quadro 1. Resultados dos ensaios de compressão dos provetes de betão

Pilares	Resistência de compressão (MPa)
Pilar N01-N04*	48,35
Pilar N05-N08**	21,40
Pilar N09-N12**	24,39
Pilar N09-N12**	21,70

\* Provete cúbico 15x15x15

\*\* Provete cilíndrico 15x30

Quadro 2. Resultados dos ensaios de tracção dos provetes de aço

Pilares	Módulo de Young E (GPa)	Tensão de cedência $f_{sy}$ (MPa)	Tensão de ruptura $f_{su}$ (MPa)	Extensão na ruptura $\epsilon_{su}$ (%)
Pilar N01-N04	194,66	432,63	544,66	20,32
Pilar N05-N16	203,46	429,69	551,08	24,17

Neste estudo considera-se que a direcção N-S (ou direcção X) corresponde à direcção da acção que mobiliza a maior inércia da secção, e a direcção O-E (ou direcção Y) para a direcção de menor inércia, como representado na Figura 2.

Na Figura 3 apresenta-se uma vista geral do setup de ensaio utilizado na campanha experimental. O sistema inclui dois actuadores horizontais independentes para imposição dos deslocamentos horizontais. O actuador utilizado na direcção de maior inércia possui uma capacidade de 500kN e um curso de +/-150mm, e o outro actuador, orientado para aplicação dos deslocamentos na direcção de menor inércia, possui uma capacidade de 200kN e um curso de +/-100mm. Para a aplicação do esforço axial é utilizado um actuador com uma capacidade de 700kN. A sapata dos pilares e as estruturas de reacção estão fixas à laje de reacção do laboratório com varões de aço pré-esforçados, para evitar o escorregamento ou rotação do pilar, e o escorregamento do sistema de reacção.

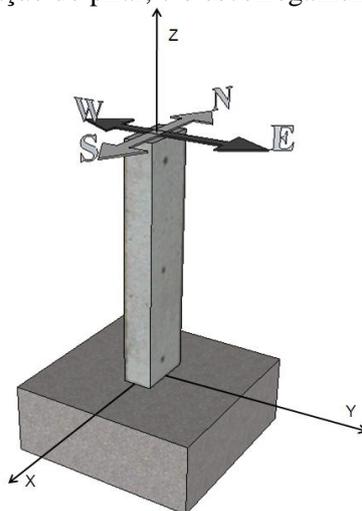


Figura 2. Esquema geral dos pilares e convenção das direcções de ensaio

Como referido anteriormente, em todos os ensaios foi imposto um esforço axial constante, cujos

valores são apresentados no Quadro 3. Uma vez que o actuador vertical permanece na mesma posição durante o ensaio enquanto o pilar acomoda o deslocamento horizontal imposto, um sistema de deslizamento foi desenvolvido e colocado entre o topo do pilar e o actuador vertical, minimizando assim o atrito. O esforço axial foi monitorizado em todos os ensaios, e foi verificada uma variação máximo de cerca de 3%. O nível de esforço axial normalizado considerado em todos os ensaios representa valores típicos para pilares de edifícios de betão armado com 3 a 4 pisos, em particular pilares de canto com valores inferiores de esforço axial. A opção por estes pilares é justificada pelo facto de serem tipicamente estes pilares onde a flexão biaxial assume uma maior importância para estruturas de edifícios.

Para a caracterização da resposta cíclica dos pilares foram impostos deslocamentos cíclicos no topo dos pilares com níveis crescentes de deslocamento. Foram aplicados 3 ciclos repetidos para cada nível de deslocamento considerado. A repetição dos ciclos para nível de deslocamento permite obter informação sobre a degradação de rigidez e resistência para o mesmo nível de deslocamento, Este procedimento permite um melhor entendimento do comportamento não-linear dos elementos, e fornece informação fundamental para a calibração de modelos numéricos.

As leis de deslocamento adoptadas nos ensaios estão resumidas na Quadro 4. Foram considerados os seguintes níveis de deslocamento máximo: 3, 5, 10, 4, 12, 15, 7, 20, 25, 30, 35, 40, 45, 50, 55, 60, 65, 70, 75, 80 mm. Em cada ensaio adoptou-se como critério de paragem a ruptura do primeiro varão da armadura longitudinal, ou a obtenção da ruptura convencional (redução de 20% do valor do pico).



Figura 3. Esquema e vista do setup de ensaio no laboratório LESE

Quadro 3. Esforço axial imposto nos pilares

Pilares	Esforço axial [kN]	$v = N/(A_c \cdot f_c)$
N01-N04	170	0,04
N05-N08	300	0,12
N09-N12	300	0,08
N13-N16	210	0,10

Quadro 4. Leis de deslocamento horizontais

Pilares	PB01-N01 PB01-N05 PB01-N09 PB01-N13	PB02-N02 PB02-N06 PB02-N10	PB12-N03	PB12-N04 PB12-N07 PB12-N11 PB12-N14	PB12-N08 PB12-N12 PB12-N15	PB12-N16
Leis de deslocamento						

### 3. RESULTADOS EXPERIMENTAIS

#### 3.1. Resultados globais

As curvas força-drift obtidas nos ensaios experimentais são apresentadas nas Figuras 4 a 7. Na Figura 8 são apresentados os resultados para os ensaios biaxiais em termos de força na direcção X vs. Força na direcção Y. Da análise das curvas força-drift é notável a diferença verificada na rigidez de recarga comparando os ensaios uniaxiais com os ensaios biaxiais. Um efeito claro de *pinching* foi observado para a lei de deslocamentos em losango, em especial para as curvas histeréticas na direcção de menor inércia (Y).

O primeiro ciclo de cada nível de deslocamento tem sempre uma componente de deslocamento uniaxial, em todos os ensaios biaxiais, de facto, a lei de deslocamentos adoptada na campanha experimental inicia o primeiro ciclo (de cada nível de deslocamento) sempre na mesma direcção (X, negativo), pelo que se observa sempre uma pequena diferença na resposta neste primeiro ciclo. Este efeito é no entanto eliminado nos ciclos seguintes para a mesma amplitude de deslocamento.

Da análise dos padrões de força medidos e das leis de deslocamentos impostos, verifica-se uma rotação do padrão de forças quando comparado com o padrão de deslocamentos. Este facto foi já observado por outros autores, nomeadamente Takizawa e Aoyama [4], Otani [5] e Bousias *et al.* [7], que referem uma rotação entre 10° e 20° para pilares com secção quadrada. Esta rotação é consequência da imposição biaxial de forças para níveis de deslocamento zero numa das direcções em simultâneo com um valor específico de deslocamento da direcção perpendicular. Para a lei de deslocamentos quadrada, quando ocorre uma variação na direcção do deslocamento, o deslocamento na direcção perpendicular é mantida praticamente constante, obtendo-se no entanto uma redução no nível de força. Esta redução está associada à força necessária para manter o deslocamento constante. Esta interacção resulta numa descarga brusca, que se pode observar nos gráficos *força-drift*.

Dos resultados obtidos para o pilar com secção quadrada ensaiado biaxialmente, com a lei em losango e quadrada, foi observada uma rotação do padrão de forças próxima dos valores observados e reportados por outros autores. No entanto, para os restantes ensaios em pilares rectangulares foi verificada que esta rotação depende da geometria secção. Para os pilares ensaiados foi verificada para a lei em losango uma rotação de 30°~35° na direcção de maior inércia e de 7°~10° na direcção de menor inércia. Na lei de deslocamentos quadrada foi verificada uma rotação de cerca de 40°~50° para a direcção de maior inércia e de 3°~6° para a outra direcção.

Da análise e discussão dos resultados experimentais em termos de curvas *força-drift*, degradação de rigidez e resistência, dissipação de energia e evolução de dano é desenvolvida nas secções seguintes.

#### 3.2. Degradação de rigidez e resistência

As envolventes das curvas *força-drift* para cada ensaio são apresentadas na Figura 9-a. Da análise destas envolventes é possível verificar que a rigidez inicial dos pilares não é afectada significativamente pelas leis biaxiais de deslocamentos impostos. No entanto, da comparação das curvas uniaxiais e biaxiais nota-se uma redução da resistência para as leis de deslocamento biaxiais. Este efeito é mais acentuado para a direcção de maior inércia. A maior redução da resistência é verificada para os pilares testados com a lei quadrada de deslocamentos impostos. Para a lei de deslocamentos cruciforme, a envolvente obtida é similar à obtida com os resultados uniaxiais.

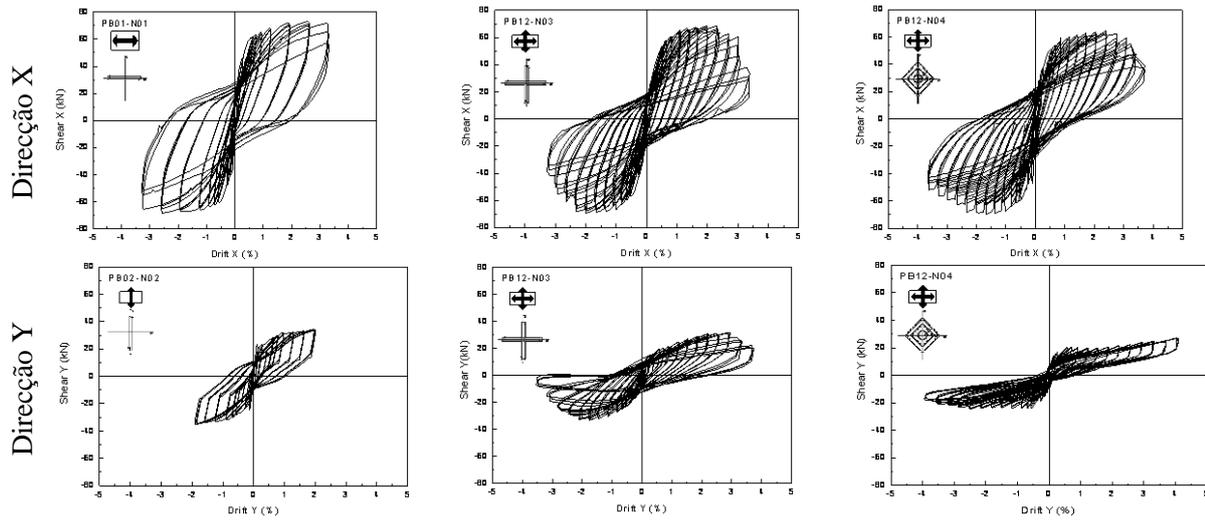


Figura 4. Curvas Força-Drift para os pilares N01 a N04 (0.20x0.40)

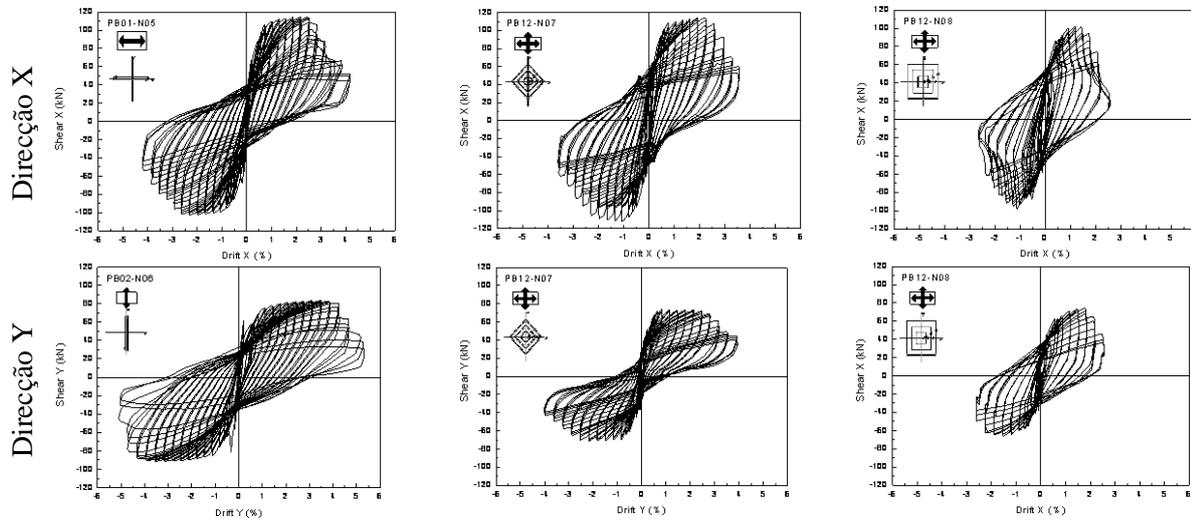


Figura 5. Curvas Força-Drift para os pilares N05 a N08 (0.30x0.40)

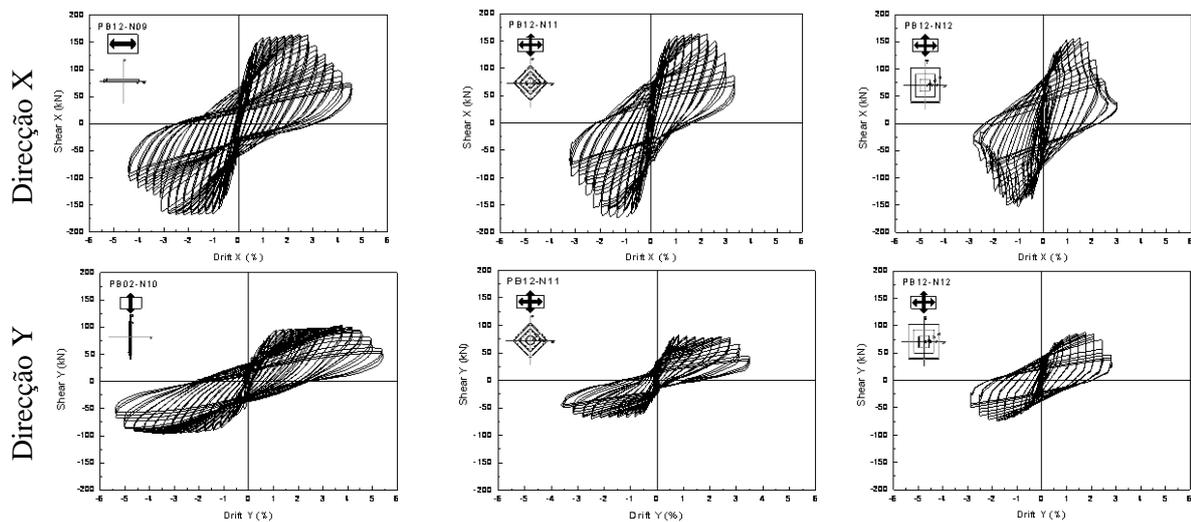


Figura 6. Curvas Força-Drift para os pilares N09 a N12 (0.30x0.50)

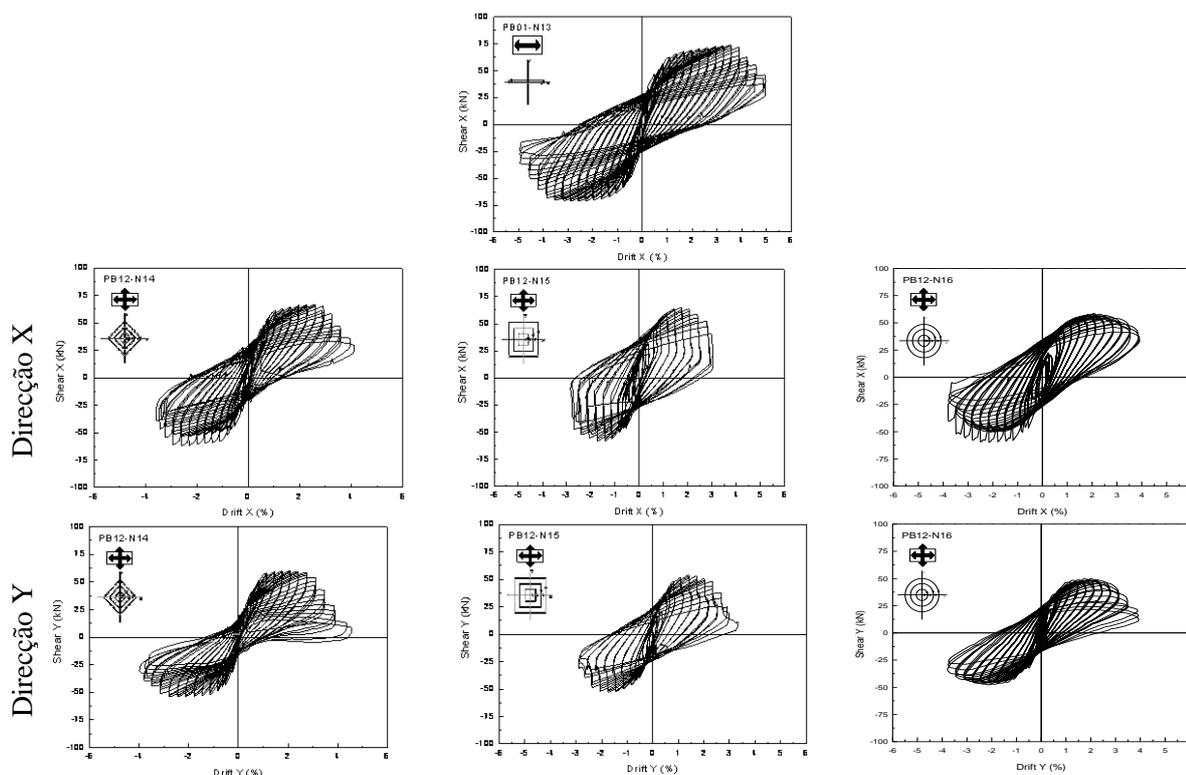


Figura 7. Curvas Força-Drift para os pilares N13 a N16 (0.30x0.30)

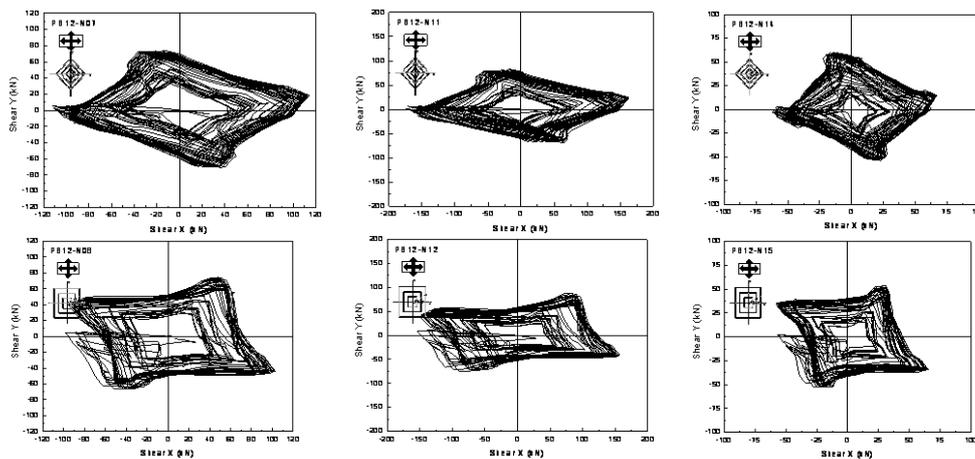


Figura 8. Curvas Força X vs Força Y para os pilares com padrão de deslocamentos em losango e quadrado

### 3.3. Evolução do dano

Para compreender as consequências da acção biaxial na evolução do dano nos pilares, foram comparados os valores de *drift* para os diferentes níveis de dano, nomeadamente: fissuração, destacamento do betão, encurvadura dos varões e ruptura do primeiro varão longitudinal. Adicionalmente foi identificado o ponto correspondente à ruptura convencional do pilar, ou seja o ponto onde se verifica uma redução de 20% da resistência máxima, de acordo com o adoptado por Park & Ang [19].

Em todos os ensaios as fissuras observadas foram maioritariamente horizontais, associadas a um comportamento dominado pela flexão. De uma forma clara, as acções biaxiais tendem a causar mais dano nos pilares que as uniaxiais para um mesmo nível de *drift* máximo imposto.

Nos ensaios biaxiais o dano tende a iniciar-se nos cantos da secção da base dos pilares. Nos ensaios uniaxiais isto também tende a acontecer, mas o dano distribui-se imediatamente a seguir ao longo de todo o lado da secção dos pilares perpendicular à direcção de ensaio. Nos ensaios biaxiais a ruptura

do primeiro varão corresponde sempre a um varão de canto. Os resultados obtidos em termos de evolução do dano são apresentados na Figura 9-b, onde é possível verificar que para os ensaios biaxiais, cada estado de dano ocorre para níveis inferiores de *drift*, quando comparado com os correspondentes ensaios uniaxiais.

As acções biaxiais causam uma redução de até 40% do deslocamento/*drift* para o qual ocorre a fissuração. O destacamento do betão ocorre para níveis de *drift* entre 50% a 75% inferiores dos observados nos correspondentes ensaios uniaxiais, encurvadura dos varões ocorre para níveis de *drift* entre os 65% e os 75% dos observados nos ensaios uniaxiais. Assim, é claro o efeito das acções biaxiais na evolução dos danos nos elementos estruturais, agravando o estado de dano para o mesmo nível de *drift* quando comparado com os ensaios uniaxiais.

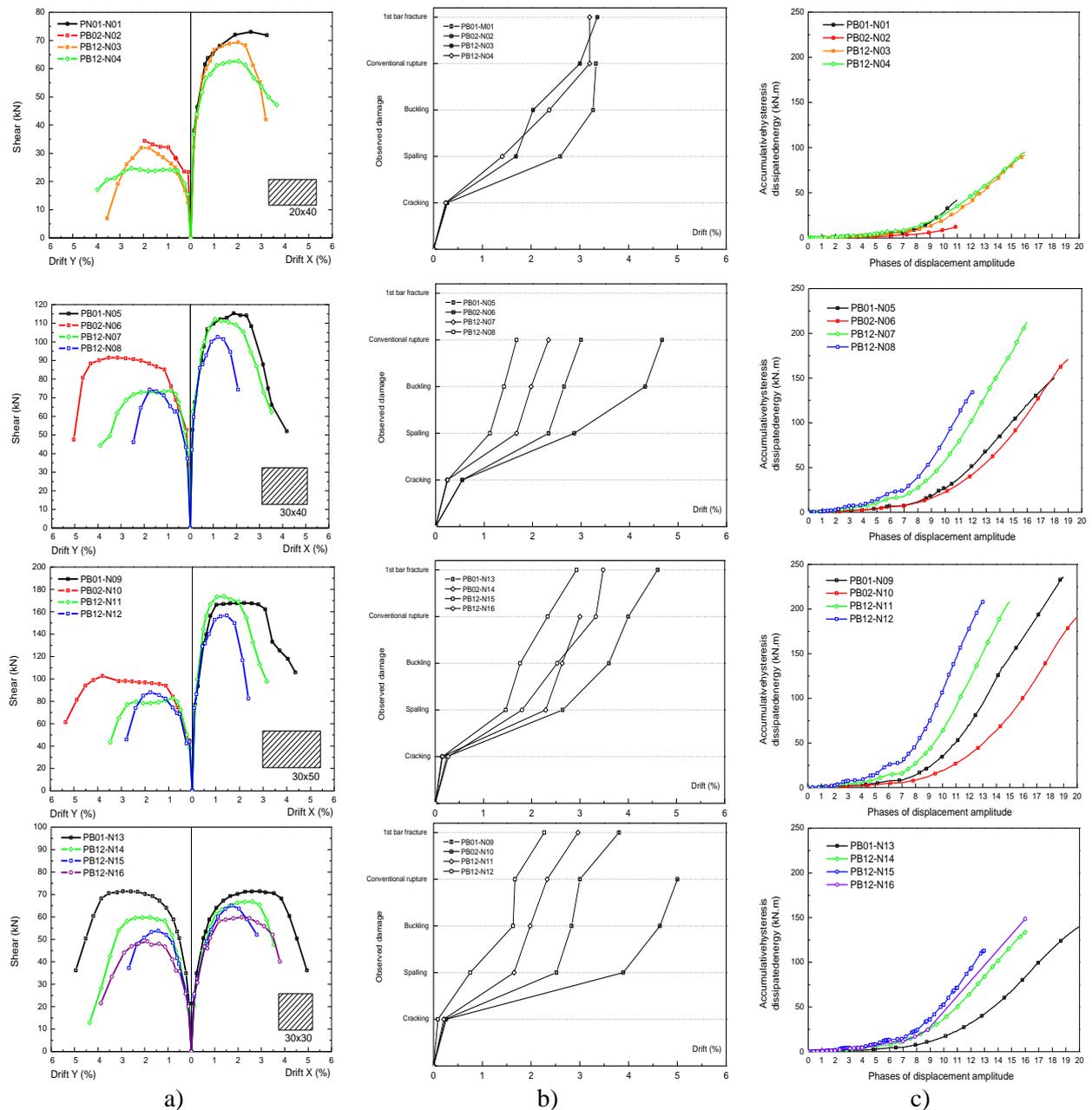


Figura 9. a) Envolventes *força-drift*; b) evolução do dano; c) energia dissipada acumulada

### 3.4. Dissipação de energia

A energia dissipada acumulada foi obtida para todos os ensaios, calculando os resultados para cada uma das duas direcções, sendo a energia total obtida pela soma dos valores obtidos para cada direcção. Os resultados em termos de evolução da energia dissipada acumulada são apresentados na

Figura 9-c. Como esperado, comparando a energia dissipada entre os ensaios uniaxiais independentes para um dado pilar, verifica-se uma menor dissipação de energia no ensaio para a direcção de menor inércia, associado a uma menor resistência do pilar nessa direcção. Os ensaios biaxiais mostram um maior nível de energia dissipada, em particular o ensaio com o padrão de deslocamentos impostos quadrado.

Comparando os ensaios com trajectórias de deslocamentos diferentes para um deslocamento total semelhante (pilares N03 e N04, ou pilares N14 e N16), os resultados em termos de energia dissipada são próximos. Foi também verificado que a soma da energia dissipada nos dois ensaios unidireccionais independentes está muito próxima da curva correspondente do ensaio biaxial com o padrão de deslocamentos em losango.

#### **4. COMENTÁRIOS FINAIS**

O objectivo principal da campanha de ensaios realizada focou-se no estudo de pilares de betão armado sujeitos a acções horizontais cíclicas, uniaxiais e biaxiais, com esforço axial constante. Foram ensaiados 16 pilares. Os resultados mostraram os efeitos da interacção entre as duas direcções da solicitação, evidenciando que a acção biaxial induz uma redução da rigidez e resistência quando comparadas com os valores obtidos dos ensaios uniaxiais correspondentes.

Os padrões de forças biaxiais medidos apresentam uma rotação quando comparados com os padrões de deslocamentos horizontais impostos nos ensaios. Neste estudo foi possível verificar que esta rotação depende da geometria da secção.

Em correspondência com a redução de rigidez e resistência, devido à interacção entre as duas direcções horizontais de solicitação, também foi verificado um aumento da energia total dissipada para os ensaios biaxiais face a cada um dos ensaios uniaxiais, embora para a soma da energia destes os resultados não sejam muito diferentes. A análise do dano observado em todos os ensaios (fissuração, destacamento do betão, encurvadura e ruptura dos varões) confirma que as acções biaxiais têm uma influência significativa na evolução dos danos. Foram verificadas reduções sempre superiores a 50% em termos de nível de deformação associada aos estados de dano mais avançados nos ensaios biaxiais, quando comparados com os ensaios uniaxiais na direcção de maior inércia.

No que respeita ao comportamento biaxial de pilares de betão armado, continuam a existir muitas questões em aberto, em especial no que diz respeito à importância da escolha das leis de deslocamento a impor e da sua influência na resposta. Assim, um maior número de ensaios deve ser desenvolvido neste domínio, e com outro tipo de leis de deslocamento. No entanto, os resultados obtidos são mais um contributo para a compreensão do comportamento biaxial e disponibilizam informação adicional para a calibração de modelos numéricos.

#### **AGRADECIMENTOS**

Os autores de agradecem à equipa do laboratório LESE, em especial ao Sr. Valdemar Luís, Sr. André Martins e Eng. Luís Noites, por todo o apoio na preparação dos ensaios.

Este artigo refere investigação realizada com o apoio financeiro da "FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia", Portugal, que os autores reconhecidamente agradecem, nomeadamente pela Bolsa de Doutoramento do primeiro autor (SFRH/BD/63032/2009) e Bolsa de Licença Sabática do terceiro autor (SFRH/BSAB/939/2009).

#### **REFERÊNCIAS**

- [1] CEB, "RC frames under earthquake loading," Lausanne Bulletin 220, 1996.
- [2] M. E. Marante e J. Flórez-López, "Model of damage for RC elements subjected to biaxial bending," *Engrg Structures*, No. 24, 2002.
- [3] T. Paulay e M. J. N. Priestley, *Seismic design of RC and masonry buildings* - John Wiley - ISBN 0-471-54915-0, 1992.

- [4] H. Takizawa, M. Aoyama. "Biaxial effects in modelling earthquake response of RC structures," *Earthq. Engrg and Struct. Dynamics*, V. 4, pp. 523-552, 1976.
- [5] S. Otani, V. W. T. Cheung, e S. S. Lai, "Reinforced concrete columns subjected to biaxial lateral load reversals," in 7<sup>th</sup> World Conf. on Earthq. Engrg V. 6, 525-532., 1980.
- [6] M. Saatcioglu e G. Ozcebe, "Response of reinforced concrete columns to simulated seismic loading," *ACI Structural Journal*, V. 86-S1, 1989.
- [7] S. N. Bousias, G. Verzelletti, M. N. Fardis, e G. Magonette, "RC columns in cyclic biaxial bending and axial load," in 10<sup>th</sup> World Conf. on Earthq. Engrg, 3041-3046 Madrid, 1992.
- [8] J.-K. Kim e S.-S. Lee, "The behaviour of reinforced concrete columns subjected to axial force and biaxial bending," *Engineering Structures*, V. 23, pp. 1518-1528, 2000.
- [9] F. Qiu, W. Li, P. Pan, e J. Qian, "Experimental tests on RC columns under biaxial quasi-static loading," *Engrg Structures*, vol. 24, pp. 419-428, 2002.
- [10] K. Tsuno e R. Park, "Experimental study of reinforced concrete bridge piers subjected to bi-directional quasi-static loading," *Struct. Engrg Structures, JSCE*, VI. 21, No 1 11s-26s, 2004.
- [11] H. Nishida e S. Unjoh, "Dynamic response characteristic of reinforced concrete column subjected to bilateral earthquake ground motions," in 13<sup>th</sup> World Conf. on Earthq. Engrg, paper 576, 2004.
- [12] H. Umemura e T. Ichinose, "Experimental study on the effects of loading history on the ductility capacity of reinforced concrete members " in 13<sup>th</sup> World Conf. on Earthq. Engrg, paper 1301, 2004.
- [13] K. Kawashima, H. Ogimoto, R. Hayakawa, e G. Watanabe, "Effect of bilateral excitation on the seismic performance of reinforced concrete bridge columns," in 8<sup>th</sup> U.S. National Conf. on Earthq. Engrg, paper 567, 2006.
- [14] L. Li, J. B. Mander, e R. P. Dhakal, "Bidirectional Cyclic Loading Experiment on a 3D Beam-Column Joint Designed for Damage Avoidance," *ASCE Journal of Structural Engineering*, vol. 134, 11, pp. 1733-1742, 2008.
- [15] B. Acun, "Energy Based Seismic Performance Assessment of Reinforced Concrete Columns " in Civil Engineering Department: Middle East Technical University, PhD Thesis, 2010.
- [16] H. Rodrigues, A. Arêde, H. Varum and A. Costa, "Experimental study on the biaxial bending cyclic behaviour of RC columns," 14<sup>th</sup> European Conference on Earthquake Engineering, September 2010.
- [17] R. Delgado, P. Delgado, N. Vila-Pouca, A. Arêde, P. Rocha, e A. Costa, "Shear effects on hollow section piers under seismic actions: experimental and numerical analysis," *Bulletin of Earthquake Engineering*, vol. 7, pp. 377-389, 2009.
- [18] P. Delgado, V. Rodrigues, P. Rocha, M. Santos, A. Arêde, N. Vila Pouca, A. Costa, e R. Delgado, "Experimental Tests on Seismic Retrofit of RC Piers," in 8 NCEE – 8<sup>th</sup> U.S. National Conference on Earthquake Engineering, San Francisco, California, 2006.
- [19] Y. J. Park, A. H. S. Ang, e Y. K. Wen, "Damage-limiting aseismic design of buildings," *Earthquake Spectra*, vol. 3, No. 1 1987.